

AS INVENÇÕES PARIDAS NAS BRECHAS: PRÁTICAS DE EMPREENDEDORISMO NO SERVIÇO DOMÉSTICO

Gabriel Orsi-Tinoco, Rita de Cassia Monteiro Afonso e Carla Martins Cipolla

RESUMO: A pesquisa analisa o serviço doméstico remunerado a partir da trajetória de uma diarista-cozinheira no Rio de Janeiro, com o objetivo de descrever práticas empreendedoras e explorar como redes e relações se reconfiguram a partir do serviço prestado. O estudo articula debates sobre o serviço doméstico no Brasil, com ênfase em afeto, poder e agência, e leituras críticas e fenomenológicas do empreendedorismo, especialmente o empreendedorismo de encruzilhada. Trata-se de um estudo de caso qualitativo com observação participante ao longo de dois anos e entrevista semiestruturada. O mapeamento da jornada evidencia lógicas de improviso, cocriação, gestão ordinária e *effectuation* que atravessam o serviço. Os resultados mostram práticas ancoradas em saberes incorporados, afetos e redes de confiança, revelando ambivalências e tensões entre agência cotidiana e vulnerabilidade estrutural que categorizações como "empreender por necessidade" não conseguem capturar.

Palavras-chave: Serviço doméstico. Empreendedorismo de encruzilhada. Práticas empreendedoras. Estudo de caso

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo constitui um recorte temático, centrado no empreendedorismo, de uma dissertação de mestrado que se propôs a analisar as práticas empreendedoras (gerenciais) e de design (projetuais) no serviço doméstico remunerado. Este serviço é caracterizado pela contratação, seja ela formal ou informal, de profissionais para a manutenção cotidiana das residências, abrangendo atividades como limpeza, preparo de alimentos, cuidado com crianças e/ou idosos e outras tarefas domiciliares essenciais ao bem-estar familiar (Ávila; Ferreira, 2020; Brasil, 2024; Melo, 1998). Vale ressaltar que no Brasil esse tipo de função tem gênero, raça e classe bem demarcados. São mais de 6 milhões de trabalhadores domésticos no país, sendo 91% mulheres, das quais 66% são negras; a maioria com baixa escolaridade, baixa remuneração e informais (IBGE, 2023; Guimarães; Brites; Monticelli, 2024; Ávila; Ferreira, 2020; IPEA, 2016). Embora avanços legais tenham ocorrido, a vulnerabilidade dessas trabalhadoras permanece evidente, ao passo que a forma, a centralidade, a complexidade e a heterogeneidade dessas atividades laborais se mantêm apagadas (Guimarães; Brites; Monticelli, 2024; Monticelli, 2023). Pouco se estuda nas escolas de gestão e de projeto sobre as práticas e comportamentos dessas profissionais, o que reforça sua invisibilidade.

Diante desse cenário, a pesquisa tem como objetivo **descrever e explorar práticas empreendedoras de uma diarista-cozinheira no serviço doméstico remunerado no Rio de Janeiro**, a partir de um estudo de caso único acompanhado ao longo de 2 anos. Para isso, mobilizou-se um arcabouço teórico em torno do serviço doméstico e do empreendedorismo, sendo este último abordado para além de uma leitura estritamente econômica, agregando uma perspectiva fenomenológica (Boava; Macedo, 2006, 2009, 2020) e a noção de

empreendedorismo de encruzilhada, formulada por Afonso a partir de trabalhos que investigam práticas empreendedoras periféricas e de favela no Rio de Janeiro (Afonso; Brufato; Orsi-Tinoco, 2025; Afonso; Sarayed-Din, 2023; Afonso; Silva, 2024). Ademais, mapeou-se a jornada do serviço da profissional e buscou-se investigar sua vivência (para além do serviço em si) como um caso "em rede", explorando contextos sociais e conexões (com clientes, vizinhança, família e igreja) que se entrelaçam com o seu trabalho e podem evidenciar como circulam recursos (materiais e imateriais), reconhecimentos, favores e tensões. Sendo assim, pretende-se colaborar para um olhar transcendente e aprofundado do serviço doméstico dentro do campo do empreendedorismo, descrevendo as práticas de uma diarista-cozinheira e reconhecendo tanto a agência que expressa, quanto os limites estruturais que as atravessam num contexto marcado por desigualdades de raça, classe e gênero (Guimarães; Brites; Monticelli, 2024).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Foi realizada uma revisão de literatura sobre o serviço doméstico e o empreendedorismo. No que tange o primeiro tema, elaborou-se um apanhado histórico no Brasil, destacando dimensões de gênero, raça, classe, afeto e agência neste contexto de serviço. Em seguida, discutiu-se o empreendedorismo a partir de diferentes definições ao longo do tempo e leituras críticas mais atuais. A partir daí, enfatizou-se a abordagem fenomenológica tridimensional (Boava; Macedo, 2006, 2009, 2020) e o empreendedorismo de encruzilhada (Afonso; Silva, 2024) como prismas relevantes para se compreender o caso.

2.1 Serviço doméstico

O serviço doméstico no Brasil tem raízes profundas que perduram desde o período colonial, concebido pela exploração do trabalho escravo de mulheres, crianças e homens negros (Ávila; Ferreira, 2020; Souza, 2016). A partir da abolição em 1888, que não necessariamente aboliu consigo as hierarquias de poder, mulheres negras encontraram no serviço doméstico uma das poucas alternativas de subsistência, ainda embutidas em informalidade e sob dependência de relações mediadas pelo paternalismo (Brites, 2000, 2003; Brites; Monticelli; Melo, 2024). No século XX, em um cenário de modernização desigual, a entrada das mulheres brancas e de classe média no mercado formal só reforçou a continuidade das mulheres negras e pobres no serviço doméstico, que serviram como base das hierarquias ocupacionais para que as outras (brancas) pudessem "sair" e galgar algum espaço outro (Ávila; Ferreira, 2020; Melo, 1998). Nesse contexto, Brites (2000) aponta que desenhou-se no serviço doméstico uma certa contraposição: enquanto as trabalhadoras domésticas (negras) ganharam espaço e importância no lar, descritas inclusive como "parte da família", elas ainda ocupavam um lugar precário de trabalho, pautado por ausência de direitos e proteção social. Mais recentemente, a partir dos anos 70, movimentos feministas e sindicais impulsionaram avanços legislativos como a "PEC das Domésticas" (2013) e a "Lei Complementar nº 150/2015". Porém, a informalidade e as desigualdades históricas persistem tanto quanto a relevância deste serviço para as famílias (Brites, 2013; Guimarães; Brites; Monticelli, 2024).

2.1.1 Afeto, poder e agência

Segundo Brites (2007), as relações no serviço doméstico remunerado são marcadas por um entrelaçamento entre afeto, poder e agência. A convivência diária das profissionais com seus empregadores cria dinâmicas contraditórias em que cuidado e hierarquia coexistem e se reforçam mutuamente (Brites; Monticelli; Melo, 2024). Goldstein (2003) descreve essa dualidade como “ambiguidade afetiva”, ressaltando tal tensão como base para a reprodução das relações de classe. Nessa direção, Brites afirma que “é na troca afetiva entre aquelas que podem pagar pela ajuda doméstica e as [mulheres] pobres que oferecem seus serviços que as relações de classe são praticadas e reproduzidas” (Brites, 2007, p.93). Brites, Monticelli e Melo (2024) ainda expandem essa análise, destacando como o afeto pode ser instrumentalizado como ferramenta de controle. Gestos como favores, doações ou empréstimos criam uma economia de gratidão, na qual as trabalhadoras são levadas a se sentir em dívida com seus empregadores, o que dificulta a reivindicação de direitos formais.

No entanto, o afeto não se restringe ao controle dos empregadores. Brites, Monticelli e Melo (2024) trazem o conceito de agência, proposto por Ortner (2006), para mostrar como domésticas também utilizam as interações afetivas para processos decisórios, fazendo escolhas conscientes sobre onde e como trabalhar a partir de condições e relações mais ou menos respeitadas. Monticelli (2013) afirma que as profissionais entrevistadas em sua pesquisa selecionam os lares onde trabalham com base em critérios que vão além da remuneração, priorizando ambientes onde percebem maior respeito, dignidade e menor pressão emocional. Sendo assim, “as afetividades são determinadas de acordo com as escolhas realizadas pelas diaristas, concretizando-se em seleções afetivas” (Monticelli, 2013, p. 160). Essa seletividade é um exemplo do exercício contínuo de agência, no qual as trabalhadoras estabelecem limites e criam uma realidade trabalhista menos opressiva (Monticelli, 2013). Portanto, o ambiente doméstico configura-se como um espaço dinâmico de constante negociação, entre poder, afeto e agência. Nesse cenário, Brites, Monticelli e Melo (2024) defendem reconhecer as contradições afetivas e transformá-las em instrumentos mais favoráveis à equidade e justiça social no serviço doméstico.

2.2 Empreendedorismo

Segundo Boava e Macedo (2006, 2009, 2020), o empreendedorismo é amplamente discutido e conceituado na literatura, sendo abordado sob diferentes óticas ao longo do tempo e, por isso, sem uma abordagem unânime e consolidada que o defina. Isso chancela uma natureza interdisciplinar para o campo e permite a coexistência de diversas vertentes teóricas.

Desde o século XVIII, autores como Cantillon (1755), Say (1821), Knight (1921) e Schumpeter (1934) relacionaram o empreendedorismo e o sujeito empreendedor a marcadores relacionados ao autoemprego, à assunção de riscos, à inovação, à coordenação de recursos e à criação de organizações (Boava; Macedo, 2006, 2020; Gaspar, 2003). Posteriormente, ao longo do século XX, outros autores ampliaram a discussão e enfatizaram traços como a identificação de oportunidades (Drucker, 1969; Kirzner, 1982), a distinção entre empreendedores e gestores de pequenas empresas (Carland et al., 1984) e a criação de organizações como marco definidor do fenômeno (Gartner, 1989). Porém, apesar dessa diversidade de autores e abordagens, a maior parte da bibliografia “preocupa-se em estudar os efeitos da ação empreendedora, não suas causas” (Boava e Macedo, 2020, p.9), o que contribui para limitar o conhecimento sobre o empreendedorismo e o sujeito empreendedor a aspectos predominantemente técnicos e funcionalistas. Sendo assim, Boava e Macedo (2020) propõem uma visão fenomenológica que transcende o foco nos efeitos da ação empreendedora e agrega a experiência vivida e os valores atribuídos pelo sujeito.

2.2.1 Abordagem fenomenológica e tridimensionalidade

A partir dos anos 2000, houve avanços no que tange a amplitude analítica dos estudos em empreendedorismo, agregando outras camadas para compreender o fenômeno. Buscou-se identificar o modo como as pessoas vivenciam, interpretam e atribuem sentido ao ato de empreender (Boava; Macedo, 2020). Nessa linha, Cope e Watts (2000) descreveram a aprendizagem empreendedora e evidenciaram que, para além da performance do negócio, o processo envolve mudanças na vida pessoal. Cave, Eccles e Rundle (2001) analisaram o fracasso no empreendedorismo como experiência vivida, com perdas, dilemas e recomeços. Além disso, Paiva Júnior (2004) retratou a ação de empreender como prática situada, marcada por cultura, identidade, relações de poder e interação social.

É nesse contexto que Boava e Macedo (2006, 2009, 2020) propõem uma abordagem fenomenológica tridimensional do tema. Para os autores, o empreendedorismo se estrutura por três dimensões correlacionadas: (i) ação, (ii) valor e (iii) finalidade, definindo o ato de empreender como "uma ação, que observa um valor para um fim" (Boava; Macedo, 2020, p. 188). Essa tríade permite olhar para o que o empreendedor faz (dimensão praxeológica), os valores que orientam suas escolhas (dimensão axiológica) e os fins que pretende alcançar (dimensão teleológica). A correlação dessas dimensões/camadas permite compreender o empreendedorismo como um modo de existência situado, no qual o empreendedor está "em constante relacionamento com o outro, sendo que suas ações não são fatos isolados, mas fatos inseridos em uma dinâmica de relacionamento e compreensão social" (Boava; Macedo, 2020, p. 96).

2.2.2 Empreendedorismo de encruzilhada

O empreendedorismo de encruzilhada busca compreender tanto o fenômeno quanto o sujeito a partir de contextos periféricos e de favela (Afonso; Sarayed-Din, 2023; Afonso; Silva, 2024). Isso porque, em ambientes vulneráveis, muitos empreendedores operam segundo lógicas próprias, mobilizando afetos, saberes populares, redes comunitárias e práticas ordinárias (Afonso; Brufato; Orsi-Tinoco, 2025; Afonso; Sarayed-Din, 2023; Afonso; Silva, 2024). São experiências que "ocorrem nos interstícios do sistema institucional" (Afonso; Silva, 2024, p. 89), produzindo formas de organizar que não cabem nos modelos tradicionais de gestão. A ação empreendedora se impõe como forma de reorganizar a vida coletiva frente à insuficiência do Estado, à precariedade estrutural e às múltiplas formas de exclusão (Afonso; Brufato; Orsi-Tinoco, 2025). Nesse sentido, o empreendedor de encruzilhada não é um agente meramente econômico, mas um indivíduo relacional, que atua em rede, disputa reconhecimento e reconfigura sentidos de pertencimento, futuro e dignidade (Afonso; Sarayed-Din, 2023). Sendo assim, para tangibilizar características, lógicas e práticas deste sujeito, Afonso e Silva (2024) mobilizam e entrecruzam 4 conceitos anteriores: (i) a pedagogia de encruzilhada, (ii) a gestão ordinária, (iii) a lógica de *effectuation* e (iv) o "virador".

Primeiramente, de acordo com Rufino (2019), a pedagogia de encruzilhada, a partir das vivências de indivíduos periféricos, teoriza como múltiplos saberes e experiências que se "cruzam" podem gerar novos aprendizados, deslocamentos e possibilidades em contextos de adversidade. São "manifestações do ser/saber inapreensíveis pela lógica totalitária" (Rufino, 2019, p. 273). Assim, os encontros ocorridos nessas brechas resultam em redes e estratégias de enfrentamento às desigualdades (Rufino, 2019). Em seguida, a gestão ordinária, conforme Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014) e Carrieri et al. (2018), refere-se às práticas

administrativas que se dão no cotidiano de pequenos empreendimentos, baseadas na adaptabilidade, na intuição e no conhecimento prático/tácito acumulado, incorporando aspectos emocionais e sociais na tomada de decisão e valorizando redes de apoio locais como fontes essenciais para resiliência. Já o *effectuation*, proposto por Sarasvathy (2001, 2008, 2022), constitui a lógica de pensamento dos empreendedores, isto é, a forma como tomam decisões em contextos de alta incerteza, poucos recursos e tempo limitado. A autora explica que em vez de partirem de objetivos predefinidos (lógica causal), os empreendedores partem do que já possuem (quem eu sou, o que eu sei e quem eu conheço) para construir oportunidades ao longo do percurso, pautados em parcerias e experimentações. Por fim, o "virador", formulado por Souza Neto (2003, 2017), caracteriza um "outro empreender", centrado na "sobrevivência: sua e dos seus! É isso que o move" (Souza Neto, 2017, p. 245), sendo o virador aquele que se vira, transitando entre arranjos formais e informais e criando caminhos possíveis conforme as margens de manobra disponíveis.

2.2.3 Tensões e ambivalências

Os tópicos anteriores sustentam uma compreensão do empreendedorismo para além da perspectiva econômica-funcionalista, circunscrita em ação, valor e finalidade (Boava; Macedo, 2020), a partir da experiência vivida, das redes e condições situadas (Afonso; Brufato; Orsi-Tinoco, 2025). Entretanto, ao mesmo tempo, se reconhece que o campo é atravessado por tensões, contraposições e leituras críticas que agregam mais camadas.

Segundo Gaulejac (2007) a generalização de ideais produtivistas tende a moldar subjetividades orientadas à autogestão e à autoexploração. Na mesma linha, Carmo et al. (2021) reforçam essa leitura ao caracterizarem o empreendedorismo como uma espécie de ideologia neoliberal, destacando como se deslocam responsabilidades estruturais para o indivíduo. Os autores ainda trazem à tona os dados do Global Entrepreneurship Monitor, que demonstram como uma parcela expressiva dos pequenos empreendedores brasileiros atua sem funcionários e com rendimento inferior ao salário-mínimo, sugerindo que parte relevante do fenômeno se explica por estratégias de sobrevivência e por um empreender por necessidade, não por inovação ou oportunidade (Carmo et al., 2021). Nessa mesma direção, Ferraz e Ferraz (2022) situam o "espírito empreendedor" como linguagem que atualiza o "espírito do capitalismo", operando como justificativa simbólica para a intensificação da insegurança no trabalho e da precarização.

Mas, vale observar, em contraponto, que ao elencar categorias do "empreender por necessidade" ou "por oportunidade" (Carmo et al., 2021), por exemplo, a própria crítica à ideologia empreendedora pode reproduzir uma visão reducionista do fenômeno. Nesse aspecto, Bartholo (1992) e Souza Neto (2017) reforçam como uma oposição binária pode carregar hierarquias implícitas, ou seja, a "necessidade" tende a ser lida como déficit e desqualificação, enquanto a "oportunidade" é lida como virtude e racionalidade. Sendo assim, a quais corpos e contextos sociais atribui-se a falta ou a virtude, a necessidade ou a oportunidade? O ponto aqui não é negar a precarização associada aqueles que empreendem por necessidade (Carmo et al., 2021; Ferraz; Ferraz, 2022), mas explicitar que essa denominação pode ser analiticamente empobrecedora quando aplicada sem contextualização e sem atenção aos artifícios e relações sociais que constituem essas práticas (Souza Neto, 2017). Afinal, existe necessidade na oportunidade e oportunidade na necessidade. Por isso, essa ambivalência não é sobre escolher entre "potência" ou "ausência", mas assumir que ambas coexistem e disputam sentidos no próprio uso do conceito.

3 METODOLOGIA

O método adotado na pesquisa é qualitativo, teórico-empírico, de caráter descritivo e exploratório (Gil, 2002; Vergara, 2015). O componente descritivo está no mapeamento da jornada do serviço e das práticas empreendedoras a partir de cada uma das etapas, enquanto a dimensão exploratória se manifesta pela investigação dos aspectos sociais e relacionais que atravessam a própria dinâmica do serviço. Sendo assim, segundo Yin (2001), a pesquisa constitui um estudo de caso único, já que acompanha um fenômeno contemporâneo inserido em seu contexto real de vida. O caso se mostra revelador uma vez que oferece acesso privilegiado a uma realidade social geralmente invisibilizada e raramente explorada em articulação com o campo em questão (Yin, 2001). Ademais, de acordo com Stake (1995), trata-se de um caso intrínseco, cujo valor investigativo reside justamente na particularidade do acesso à empreendedora e dos enfoques teórico-metodológicos selecionados.

A unidade de análise é uma trabalhadora de 55 anos, casada, diarista-cozinheira com trajetória no serviço doméstico remunerado há mais de 20 anos e moradora da Muzema, território periférico do Rio de Janeiro e em constante disputa por grupos armados (milícias e facções). A singularidade do estudo se reflete especificamente na combinação entre: (i) um acompanhamento prolongado (2 anos); (ii) a posição que ela ocupa, atuando ao mesmo tempo em casas de bairros nobres da cidade e residindo no território periférico (entre classes); e (iii) a possibilidade de articular sua trajetória ao empreendedorismo fenomenológico e de encruzilhada. Essa configuração torna o caso fértil para investigar dinâmicas que, em geral, permanecem opacas nas pesquisas sobre trabalho doméstico ou sobre a forma de empreender dessas profissionais. A seleção ocorreu a partir da oportunidade de convivência direta do pesquisador com a profissional, em sua própria residência, com encontros semanais de 3 a 5 horas em que a diarista atuava como cozinheira, contava histórias e interagia no ambiente doméstico. Essa condição de proximidade criou um vínculo de confiança e abertura propícia à observação participante (Abib; Hoppen; Hayashi Junior, 2013). Essa técnica utilizada ancora-se na tradição etnográfica (Tedlock, 2005), sendo um meio para coletar dados e, ao mesmo tempo, representando uma estratégia metodológica que reconhece o pesquisador como parte do campo investigado, e não como observador neutro (Angrosino, 2009; Serva; Jaime Júnior, 1995). O papel do pesquisador aproximou-se do que Adler e Adler (1987) definem como observação participante completa por oportunidade, uma vez que já fazia parte do contexto investigado antes da definição formal do estudo. Em nível filosófico, adota-se uma perspectiva inspirada na abordagem rizomática (Stengers, 2017), que reforça a produção situada e relacional do conhecimento, permitindo compreender a experiência do pesquisador como parte do processo investigativo e acolhendo os múltiplos atravessamentos afetivos que emergem da convivência.

Nesse sentido, a coleta de dados foi conduzida com base em duas estratégias principais: (i) observação participante, a partir do convívio descrito e (ii) entrevista semiestruturada, conduzida por cerca de 1 hora e meia, gravada com consentimento e posteriormente transcrita. As evidências foram registradas em diário de campo, com anotações feitas logo após os eventos. A triangulação entre observações, entrevista e interações informais contribuiu para a validade construtiva e a confiabilidade da pesquisa (Kirk; Miller, 1986; Yin, 2001). A análise foi realizada com base na técnica de adequação ao padrão (Yin, 2001), em movimentos iterativos de ida e volta entre a teoria e o material empírico, em que categorias teóricas prévias e emergentes foram propostas, a partir do diálogo com os episódios observados e insumos coletados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Jornada do serviço doméstico e práticas empreendedoras

Nesta primeira parte dos resultados foi descrita uma sequência de ações recorrentes que compõem a jornada do serviço da diarista-cozinheira. O mapeamento dessas etapas permitiu compreender as atividades e evidenciar práticas empreendedoras. A Tabela 1 sistematiza os achados.

Tabela 1 - Jornada do serviço e empreendedoras

Jornada do serviço (O que ela faz)	Canais	Práticas empreendedoras (o que isso revela)
<i>É perguntada por algum cliente (atual) se pode indicar ela como cozinheira para um amigo ou conhecido.</i>	<i>Whatsapp ou na casa do cliente</i>	A profissional não busca clientes ativamente, é encontrada por eles. Indicações partem de quem ela conhece, revelando como suas redes funcionam como meios para acessar novos clientes. No empreendedorismo de encruzilhada, essas redes operam como parcerias que abrem novos meios e novas oportunidades (Afonso; Silva, 2024; Sarasvathy, 2001, 2022).
<i>Autoriza a indicação e envio do contato dela.</i>	<i>Whatsapp ou na casa do cliente</i>	Autorizar a indicação é uma decisão simples, mas revela uma lógica própria de gerenciar. O whatsapp é o canal que já funciona para ela. Essa forma de operar a partir dos próprios meios disponíveis é central tanto na gestão ordinária (Carrieri <i>et al.</i> , 2018) quanto na lógica de <i>effectuation</i> (Sarasvathy, 2001).
<i>Recebe contato do possível cliente e estabelecem uma conversa aberta.</i>	<i>Whatsapp ou ligação</i>	A conversa não segue um roteiro, mas aborda assuntos como: onde mora, o que tem na cozinha, a sazonalidade, etc. A partir disso, ela define e propõe como seria o serviço e quanto cobraria. Ela se guia pelo que já viveu (saberes), pelos preços que enxerga de outras profissionais (concorrentes) e pelo que sente que pode funcionar naquela situação (improviso) (Rufino, 2019; Sarasvathy, 2001, 2022; Souza Neto, 2017).
<i>Concordância mútua em relação ao serviço e valores.</i>	<i>Whatsapp ou ligação telefônica</i>	O acordo é "de boca", pautado na conversa, sem contrato ou formalidade. Ela firma o combinado acreditando no vínculo (afeto) e na rede (confiança) (Brites, 2007; Rufino, 2019; Carrieri <i>et al.</i> , 2018; Sarasvathy, 2022).
<i>Manda um áudio no whatsapp e confirma a data da visita semanal</i>	<i>Whatsapp</i>	Ela confirma a visita por áudio no whatsapp, como faz com todos os clientes. É uma ação rotineira ordinária, no canal que já domina e que já funciona (Carrieri <i>et al.</i> , 2018; Souza Neto, 2017; Sarasvathy, 2001, 2008).
<i>Chega na casa do cliente, interage com as pessoas, conversa informalmente.</i>	<i>Na casa do cliente</i>	A chegada é informal e sempre rola um papo de início. Ela sabe que esse momento constrói e renova o vínculo, mas o quanto ela papeia, com quem e com qual profundidade varia a cada visita, a partir de quem está na casa, da abertura que se teve e do que ela percebeu no ambiente. A intuição e o improviso guiam esse ajuste (Rufino, 2019; Souza Neto, 2017) e o afeto faz parte do próprio serviço (Brites, 2007, 2013; Monticelli, 2013).
<i>Organiza a cozinha e lava as louças que estão na pia do(a) empregador(a).</i>	<i>Na casa do cliente</i>	Antes de cozinhar, organiza a cozinha e lava o que estiver na pia, mesmo que não tenha sido ela quem gerou aquela louça. Ela se vira para criar as condições do próprio serviço (Souza Neto, 2017).
<i>Observa geladeira e armários para entender o que tem de insumos, comidas feitas, etc.</i>	<i>Na casa do cliente</i>	Ela vasculha a geladeira e os armários, mapeando o que tem e o que vai faltar comprar no mercado conforme o que o cliente quiser comer. Esse repertório orienta decisões com adaptabilidade e

		eficiência. Aqui a lógica de <i>effectuation</i> (Sarasvathy, 2001, 2008) e do “virador” são evidentes (Souza Neto, 2017).
<i>Conversa com o cliente para entender necessidades, sugerir/definir cardápios e alinhar expectativas.</i>	Na casa do cliente	Ela conversa com o cliente sobre o que ele quer comer, sugere pratos e alinha o que vai ser feito no dia. É uma negociação informal, cocriada na hora, a partir do que ela sabe fazer, do que mapeou na geladeira e do que o cliente tem vontade (Rufino, 2019; Sarasvathy, 2001, 2008, 2022; Souza Neto, 2017).
<i>Pergunta se o cliente precisa de algo que ele geralmente consome e não tem em casa.</i>	Na casa do cliente	Se trata de uma atitude não planejada, mas que ela identifica como oportunidade dada a ida ao mercado. É uma pergunta/ato simples, mas reforça o afeto e o vínculo e agrega na experiência do serviço (Brites, 2007; Sarasvathy, 2001; Carrieri <i>et al.</i> , 2018).
<i>O cliente dá o cartão de crédito e a senha para que ela possa fazer compras no mercado.</i>	Na casa do cliente	Reforça uma parceria fundada num ato de confiança que fortalece o vínculo e amplia a autonomia (Carrieri <i>et al.</i> , 2018; Sarasvathy, 2008). Mas, ao mesmo tempo, traz luz à assimetria de poder, já que ter acesso ao dinheiro do cliente também a expõe a questionamentos sobre os gastos e possíveis desconfiças, colocando-a num lugar vulnerável dentro da relação (Brites; Monticelli; Melo, 2024).
<i>O cliente envia pelo whatsapp os pratos que foram definidos para que ela possa lembrar durante as compras.</i>	Whatsapp	Ela costuma “guardar tudo na memória”, então os clientes passaram a enviar por mensagem os pratos definidos. Essa “gestão da informação” ressignifica o canal e cria uma dinâmica colaborativa emergente (Carrieri <i>et al.</i> , 2018; Rufino, 2019; Sarasvathy, 2022; Souza Neto, 2017).
<i>Vai ao mercado, define e ajusta os ingredientes conforme disponibilidade e orçamento, faz o pagamento com o cartão do cliente e retorna.</i>	Mercado	No mercado, ela ajusta ingredientes conforme o que encontra e o quanto pode gastar (nem sempre tem orçamento, mas tem intuições sobre o que seria caro ou aceitável para cada cliente). Se falta algo, repensa o prato na hora e aciona o cliente pelo whatsapp para validações. Decide rápido, de maneira adaptada e com o que tem (Sarasvathy, 2001, 2008; Souza Neto, 2017).
<i>Cozinha os pratos que foram cocriados e definidos com o cliente.</i>	Na casa do cliente	Aqui, o “saber incorporado” se manifesta (Rufino, 2019). Ela cozinha a partir do que aprendeu na vida, sem nunca ter feito um curso ou graduação na área, adaptando receitas e técnicas ao que tem disponível e ao gosto de cada cliente (Carrieri <i>et al.</i> , 2018; Souza Neto, 2017).
<i>Lava a louça, organiza as comidas na geladeira, limpa a cozinha e vai embora.</i>	Na casa do cliente	Encerra o serviço deixando a cozinha “pronta para uso”. A comida é porcionada e armazenada conforme as preferências do cliente, o espaço disponível na geladeira e outras condições do dia, combinando julgamento prático e adaptação (Rufino, 2019; Sarasvathy, 2022; Souza Neto, 2017).
<i>Envia mensagem sobre como estava a comida ou recebe retornos espontaneamente</i>	Whatsapp	Essa troca pós-serviço renova o vínculo e gera aprendizados que orientam ajustes futuros (Sarasvathy, 2001). O afeto circula também aqui (Brites, 2007; Monticelli, 2013), e o feedback, espontâneo ou provocado, alimenta a relação e abre possibilidades para o próximo encontro (Carrieri <i>et al.</i> , 2018; Sarasvathy, 2001, 2008, 2022).

Fonte: elaborado pelo autor

A partir do mapeamento da jornada e das descrições, lê-se um conjunto de pontos que ajudam a explicitar a lógica e o comportamento empreendedor da diarista-cozinheira. As etapas revelam, ao mesmo tempo, potências e tensões presentes na dinâmica do serviço. A partir disso, a seguir, são apresentadas as categorias analíticas formuladas.

4.1.1 Escolha, afeto e dignidade: o sentido de empreender da diarista-cozinheira

A jornada demonstra como a experiência da diarista-cozinheira agrega valor aos clientes e transcende a execução de tarefas simplistas, incorporando aspectos gerenciais/decisionais, técnicos e relacionais. Ao ser perguntada sobre o que significa e a escolha do seu trabalho, ela afirma: *"foi uma escolha minha. Eu poderia estar hoje trabalhando ainda como garçomete [...] aí eu optei ficar como cozinheira. Eu amo cozinhar, eu amo o que eu faço. [...] Eu tenho 20 anos [trabalhando] com comida"*. Ela ainda ressalta: *"eu amo conhecer pessoas"*. Tais colocações demonstram como seu fazer é mais do que uma “empreitada por necessidade” (Carmo *et al.*, 2021). As ações e escolhas também carregam valor (Boava; Macedo, 2020), potência (Afonso; Sarayed-Din, 2023), afeto (Brites, 2007, 2013) e perenidade (Afonso; Brufato; Orsi-Tinoco, 2025).

No que tange a rotina e a operacionalidade, a profissional afirma: *"eu faço a comida como se fosse pra mim [...] eu trabalho na casa das pessoas como se fosse pra mim"* e *"eu amo esse meu trabalho [...] se for pra pesar eu peso com o maior amor, com o maior carinho, se for pra colocar nas travessas eu coloco, não tenho esse negócio, essa casa é diferente, não tenho"*. As falas traduzem uma autoimagem positiva e um senso de dignidade (Afonso; Sarayed-Din, 2023; Souza Neto, 2017), que reforçam a transcendência em relação à “necessidade” puramente. Nesse sentido, quando diz *"eu não vejo como humilhação [...] eu me sinto [empoderada], porque as pessoas me dão essa liberdade"*, mostra como sua autoestima se constrói na intersecção (trocas) entre reconhecimento próprio e do outro (clientes, amigos, família, vizinhos, etc) (Rufino, 2019).

Essa escolha com intencionalidade e 'orgulho', para além de uma autopercepção digna, articula ações, valores e finalidades na construção de sentido de empreender (Boava; Macedo, 2006, 2009, 2020). Ademais, essa articulação dialoga com o empreendedorismo de encruzilhada, já que ela mobiliza saberes situados, relações e afetos para produzir esse valor a partir de um contexto de vulnerabilidade estrutural (Afonso; Sarayed-Din, 2023; Afonso; Silva, 2024).

4.1.2 Entre potência e falta: o paradoxo da encruzilhada

Apesar da experiência acumulada ao longo de 20 anos e das validações que já tem de clientes, amigos, e outras redes, a diarista-cozinheira expressa uma sensação de falta ligada à escolarização e à maneira como gerencia seu serviço: *"eu não tenho nada, eu queria ser organizada, eu queria anotar tudo"*. Ela comenta sobre isso se sentindo culpada por manter os cardápios e combinações na cabeça e no histórico de conversas do *whatsapp* ou *instagram*, mesmo que essa “gestão ordinária” (Carrieri; Perdigão; Aguiar, 2014; Carrieri *et al.*, 2018) e as alternativas que encontrou ou improvisou, de alguma forma, tenham sustentado seu empreender até aqui na base do “se virar” (Souza Neto, 2017). Essa percepção de ausência também emerge na maneira como se adjetiva, com uma mistura de ironia e orgulho: *"uma analfabeta que sabe cozinhar comida vegana [...] uma analfabeta que sabe dar sugestões de pratos"*. Complementarmente, ao olhar para sua origem, percebe-se que essas vulnerabilidades são coletivas e anteriores: *"eu vim da Bahia, muito nova [...] tive que sair para ajudar a minha mãe, né? Com as contas, aluguel, porque a gente morava de aluguel"*. Ou seja, trata-se de uma trajetória marcada pela herança do serviço doméstico e de desigualdades de classe e gênero (Ávila; Ferreira, 2020; Guimarães; Brites; Monticelli, 2024).

Quando fala sobre futuro, projeta um negócio mais estruturado: *"meu sonho é abrir assim [uma empresa] [...] já tenho até um nome"*, mas esbarra na mesma falta: *"eu não divulgo, não tenho canal [...] eu acho que nunca tive oportunidade. Do jeito que eu sou, se*

eu tivesse oportunidade, eu era muito organizada. Porque na cozinha eu sou organizada". Lidas à luz do empreendedorismo de encruzilhada, essas práticas revelam, para além da necessidade, um modo de empreender com o que se é, se sabe ou se tem (Sarasvathy, 2001, 2008, 2022), ancorado em saberes incorporados (Rufino, 2019), permeado por redes e decisões ordinárias (Carrieri; Perdigão; Aguiar, 2014; Carrieri et al., 2018), rico em imprevisto e adaptabilidade (Souza Neto, 2017). A diarista-cozinheira criou caminhos concretos para manter o trabalho, o empreendimento e produzir valor e sustento em meio à precariedade (Afonso; Sarayed-Din, 2023; Afonso; Silva, 2024; Boava; Macedo, 2020). Mas essa inventividade também carrega justamente um risco de naturalizar a precarização, tornando suportável o que deveria ser questionado (Carmo et al., 2021; Ferraz; Ferraz, 2022; Gaulejac, 2007). Sendo assim, a diarista que se afirma "empoderada" no cotidiano é a mesma que se define como alguém a quem "faltou oportunidade" e "faltou estudo", e é nesse convívio entre potência e falta que o paradoxo e tensões entre as leituras fenomenológicas e críticas são constatadas.

4.1.3 Confiança, vínculos e ambiguidade afetiva

A confiança e os vínculos afetivos atravessam o serviço doméstico da diarista-cozinheira. Ela expõe: *"se a pessoa tá querendo desabafar, eu até paro de cozinhar, eu vou lá conversar com a pessoa"*. Essa abertura ainda se intensifica na confiança material e simbólica depositada pelos clientes (cartão, senha, chave e CPF): *"a pessoa abrir a porta, dar a chave da sua casa, dar o seu cartão, dar a sua senha, dar o seu CPF [...] é muita confiança"*. Essas ações marcam sua posição como alguém "de dentro", inclusive sendo acionada para "socorrer" alguns desses mesmos clientes em situações pessoais: *"já tive de ter que desligar o telefone pra não atender a pessoa, porque era direto, de domingo, de sábado eu tinha que deixar tudo pra socorrer essa pessoa"*.

É nesse contexto que se evidencia a "ambiguidade afetiva" descrita por Goldstein (2003) e retomada por Brites (2007) e Brites, Monticelli e Melo (2024), em que o afeto tanto aproxima quanto hierarquiza, funcionando como economia de gratidão que produz proteção e, ao mesmo tempo, formas sutis de controle. Por isso, a mesma confiança que abre portas produz uma sobrecarga relacional em que dizer "não" pode colocar em risco o vínculo que mantém o serviço. Paralelamente, a partir do "empreendedorismo de encruzilhada", investir em afeto e vínculo é estratégia, pois fortalece redes, amplia o reconhecimento e pode gerar novas oportunidades (Afonso; Sarayed-Din, 2023; Afonso; Silva, 2024; Sarasvathy, 2001, 2008, 2022). Porém, num contexto atravessado por desigualdades de classe, gênero e raça, essa estratégia expõe a diarista aos limites históricos do serviço doméstico (Brites, 2000, 2007, 2013; Brites; Monticelli; Melo, 2024), em que o "ser quase da família" sustenta tanto proteção quanto formas sutis de exploração.

4.1.4 Cocriação e imprevisto: gerindo no fluxo

A codefinição dos cardápios aparece como espaço de coprodução e entrega de valor, por meio de personalização. Antes de chegar ao domicílio, ela revisita no celular o histórico de conversas: *"essa casa disse que segunda-feira eu fiz um bife à parmegiana, aí já vou pensando [...] essa semana vai ser diferente"*. Já na residência, abre a conversa: *"eu chego na casa do cliente e pergunto: você tem alguma sugestão? Você quer que eu faça o quê hoje?"*. As interações se ajustam ao grau de abertura de cada pessoa: *"tem gente que dá menos abertura, tem outras que fala assim 'escolhe você, tá na sua mão'"* e enquanto o cliente fala, *"a minha mente já tá no mercado [...] eu já sei o ingrediente que levo ali"*. Quando não

conhece um prato, pede para mandar as receitas pelo celular e as consulta já no caminho do mercado: *"me manda pro meu celular que aí eu vou olhando e no mercado eu vou colocando tudo que eu vou precisar"*. É perceptível como cocriação e improviso aparecem entrelaçados, com o cardápio sendo desenhado em tempo real, combinando repertório culinário, escuta, memória e recursos disponíveis. Essa forma de organizar o serviço mobiliza a lógica de *effectuation* (Sarasvathy, 2001, 2008, 2022), a gestão ordinária (Carrieri; Perdigão; Aguiar, 2014; Carrieri et al., 2018) e a figura do "virador" (Souza Neto, 2017), de modo que, em vez de um plano fechado, a diarista articula os meios que tem à mão para construir soluções viáveis naquele dia e naquela casa. A fala *"Eu danço conforme a música. Se a pessoa tiver só uma fogueira, você vai ter que se virar"* sintetiza esse modo de gerir no fluxo, reorganizando etapas, reordenando prioridades, adaptando-se às condições do ambiente (Rufino, 2019; Souza Neto, 2017).

4.2 Aspectos sociais emergentes: redes, relações e desdobramentos

Além das práticas empreendedoras mapeadas na jornada e na entrevista, o material empírico evidenciou aspectos sociais que emergiram a partir dos relatos e observações. Foram identificadas quatro redes principais com as quais interage: a família, composta por irmãos, marido e sobrinhos; os clientes, moradores de diferentes zonas do Rio de Janeiro; a comunidade, formada por vizinhos, amigas próximas e conhecidos; e o grupo religioso evangélico, composto por pastores, missionários e membros da igreja. Essas redes se entrecruzam ao seu empreender por meio de fluxos de recursos materiais, apoios, saberes, afetos e parcerias, acionados e ressignificados a partir da capacidade de articulação da diarista-cozinheira em seus diferentes contextos sociais. Esse contexto reforça o empreendedorismo de encruzilhada como prática situada, organizada por meio de redes informais (Carrieri et al., 2018; Sarasvathy, 2001; Souza Neto, 2017). Entretanto, essa articulação torna visível o cenário marcado pela informalidade e pela responsabilização individual (Carmo et al., 2021; Ferraz; Ferraz, 2022).

A partir das redes, foram identificados três desdobramentos. Primeiro, a **recomposição de recursos e apoios materiais**: clientes oferecem ajuda financeira para custear tratamentos de saúde e aquisição parcelada de bens duráveis, a diarista articula vaquinhas com clientes e vizinhos para comprar itens destinados a crianças em vulnerabilidade e, ela ativamente coleta doativos junto a clientes para campanhas da igreja. Esses arranjos resultam da proximidade e confiança construída ao longo do serviço, e podem ser compreendidos como ações orientadas por valores de cuidado e reciprocidade, com finalidades voltadas à ampliação das margens de segurança material "dos seus" (Boava; Macedo, 2006, 2009, 2020), evidenciando formas ordinárias de "se virar" por meio de parcerias e acordos informais (Afonso; Sarayed-Din, 2023; Souza Neto, 2017).

O segundo desdobramento é a **multiplicação de oportunidades de trabalho e renda**: a irmã passa a realizar serviços de faxina para clientes da diarista, a cunhada é chamada para auxiliar em cozinhas de maior porte, a sobrinha utiliza equipamentos emprestados para produzir e vender bolos, o marido é indicado para serviços de pintura na igreja e em casas de membros da congregação. Ela traduz em uma fala esse desejo de expansão coletiva por meio do seu trabalho: *"queria ter dinheiro pra gerar empregos, pra ter funcionário ou até mesmo continuar nessa linha, mas com um carro e colocar pessoas pra trabalhar do meu lado, ter mais cliente, ao invés de fazer uma casa, fazer duas ou três casas"*. Novamente, se reafirmam ações orientadas por valores de compartilhamento e corresponsabilidade familiar (Boava; Macedo, 2020), mas ainda constituídas em bases

informais que podem significar formas precarizadas de inserção (Carmo *et al.*, 2021; Ferraz; Ferraz, 2022).

Por fim, o terceiro desdobramento são os **circuitos de cuidado e apoio emocional**: a diarista participa de ações da igreja para preparo de marmitas aos moradores de rua e campanhas de doação, as lideranças religiosas acolhem clientes em situações de crise e a própria profissional acompanha pessoas doentes e se coloca à disposição para escutar em momentos de dificuldade. Nesses casos, o trabalho e as conexões estabelecidas por ela se aproximam de práticas de solidariedade que extrapolam o ambiente doméstico, evidenciando valores e intencionalidade para sustentar a vida em contextos de vulnerabilidade (Afonso; Sarayed-Din, 2023; Boava; Macedo, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo descrever e explorar práticas empreendedoras de uma diarista-cozinheira no serviço doméstico remunerado no Rio de Janeiro. O mapeamento da jornada, a descrição das práticas empreendedoras e os aspectos sociais emergentes mostraram como o serviço prestado transcende execução de tarefas pontuais, evidenciando práticas de negociação, antecipação de demandas, reorganização de rotinas, improviso e uso de repertórios acumulados que aproximam essa atuação de uma “lógica empreendedora encruzilhada”. Apesar de não representar um “negócio” formalmente constituído, a agência cotidiana da diarista-cozinheira combina fontes de renda e administração de riscos, apoiando e retroalimentando redes que sustentam sua vida e a dos seus (há 20 anos) num contexto marcado por vulnerabilidades e desigualdades. Além disso, no que tange aos aspectos sociais que emergiram para além do serviço em domicílio, ressaltam-se três desdobramentos: a recomposição de recursos e apoios materiais, a multiplicação de oportunidades de trabalho e renda e a conformação de circuitos de cuidado e apoio emocional. Em conjunto, esses achados mostram que o serviço doméstico remunerado não pode ser reduzido a uma relação funcional entre quem paga e quem executa, tratando-se de um empreendimento que articula práticas gerenciais com redes de solidariedade e cuidado, em cenário marcado simultaneamente por precarização estrutural e potencialidades cotidianas.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui para dois campos. Para o serviço doméstico, desloca o foco da condição de exploração para a descrição de como uma trabalhadora específica organiza seu trabalho e sua vida, explicitando a heterogeneidade das experiências e mostrando como existe agência mesmo em contextos de vulnerabilidade. Para o empreendedorismo, tensiona leituras que restringem o fenômeno a negócios formalizados ou por um viés estritamente econômico e finalístico. Ao mobilizar o empreendedorismo de encruzilhada, o estudo propõe que práticas empreendedoras podem se manifestar em espaços não convencionais (como o serviço doméstico remunerado), orientadas não pelo crescimento do negócio, mas pela sustentação da vida (perenidade) e pela construção de redes possíveis de cuidado. Esse deslocamento oferece ao campo uma entrada analítica capaz de capturar a ambivalência dessas experiências: nem apenas precarização, nem apenas “necessidade”, nem apenas agência e nem apenas potência, mas o convívio entre todas essas dimensões e camadas. Nesse sentido, categorias homogeneizantes ou binárias como “empreendedorismo por necessidade” ou “empreendedorismo por oportunidade” podem não captar todas essas sobreposições.

No que se refere às limitações da pesquisa, destacam-se a circunscrição ao contexto do Rio de Janeiro em recorte temporal determinado, além dos potenciais vieses da observação participante (mesmo que mitigados por registros sistemáticos e triangulações) e a ausência de

entrevistas com empregadores, o que poderia ampliar o entendimento das relações de poder. Como pistas para pesquisas futuras, sinaliza-se a possibilidade de estudos comparativos entre diaristas em diferentes territórios, pesquisas que incorporem perspectivas de outros atores e investigações que acompanhem programas educacionais e de formação empreendedora para se avaliar em que medida dialogam com as práticas e dinâmicas de empreendedores do serviço doméstico e/ou de encruzilhada.

Por fim, do ponto de vista prático, os achados sugerem que iniciativas educacionais, de formação ou apoio ao empreendedorismo e ao trabalho doméstico reconheçam a densidade e os paradoxos desse contexto de serviço. Programas que focam em "formalizar o negócio" ou "ensinar a empreender" tendem a ignorar que decisões sobre preço, escopo e organização são atravessadas por vínculos afetivos, confiança, relações de poder e negociações implícitas, e que políticas públicas e intervenções da sociedade civil precisam partir das redes e condições já existentes, em vez de propor modelos abstratos que desconsideram o modo como o serviço é de fato vivido. Nomear e tornar visíveis essas práticas é, também, um gesto de reconhecimento e desmarginalização.

Referências bibliográficas

ABIB, G.; HOPPEN, N.; HAYASHI JUNIOR, P. Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 53, n. 6, p. 604–616, dez. 2013. Disponível em: <https://x.gd/gAc9m>. Acesso em: 25 mar. 2025.

ADLER, P. A.; ADLER, P. **Membership roles in field research**. Thousand Oaks: Sage, 1987.

AFONSO, R.; KLEINE, D.; ORSI-TINOCO, G. Theory and practice in social innovations in the city of Rio de Janeiro, Brazil. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 15, p. 123–136, 2022. Disponível em: <https://x.gd/UtQ59>. Acesso em: 21 abr. 2023.

AFONSO, R.; SARAYED-DIN, L. Inovações de encruzilhada e desenvolvimento sustentável no Rio de Janeiro. **Estudios de la Gestión: Revista Internacional de Administración**, Quito, n. 13, p. 55–74, 2023. Disponível em: <https://x.gd/juSypj>. Acesso em: 25 mar. 2025.

AFONSO, R.; SILVA, P. Inovador social de la encrucijada: un intento de caracterización de Souza Neto, Carrieri y Sarasvathy. **Estudios de la Gestión: Revista Internacional de Administración**, Quito, n. 16, p. 83–108, 2024. Disponível em: <https://x.gd/PQ4IJ>. Acesso em: 25 mar. 2025.

AFONSO, R.; BRUFATO, A.; ORSI-TINOCO, G. Ubuntu e os negócios de impacto de encruzilhada: reflexões a partir do mapeamento de 96 empreendimentos de favelas no Rio de Janeiro. In: ENCONTRO DA ANPAD, 49., 2025, Aracaju. **Anais eletrônicos [...]**. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2025. Disponível em: <http://www.anpad.org.br>. Acesso em: 16 dez. 2025.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ÁVILA, M. B.; FERREIRA, V. Trabalho doméstico remunerado: contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 32, e020008, p. 1-13, 2020.

BARTHOLO, R. Europa e os outros. In: BARTHOLO, Roberto dos Santos. **A dor de Fausto**: ensaios. Rio de Janeiro: Revan, 1992. p. 17-26.

BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Estudo sobre a essência do empreendedorismo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 30., 2006, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANPAD, 2006.

BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Esboço para uma teoria tridimensional do empreendedorismo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 33., 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPAD, 2009.

BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. **Fenomenologia do empreendedorismo: introdução ao pensamento empreendedor**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. E-book. Disponível em: <https://www.editorafi.org/26pensamento>. Acesso em: 19 out. 2024.

BRASIL. **Lei complementar nº 150, de 1º de junho de 2015**. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: <https://x.gd/NEsKs>. Acesso em: 17 jan. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Trabalho doméstico**. [S. l.], 22 fev. 2021. Disponível em: <https://x.gd/yFf6zW>. Acesso em: 16 dez. 2024.

BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. **Brasil avança na garantia de direitos no trabalho doméstico com promulgação de decreto**. [S. l.], 9 maio 2024. Disponível em: <https://x.gd/XvGDN>. Acesso em: 17 jan. 2025.

BRITES, J. G. **Afeto, desigualdade e rebeldia**: bastidores do emprego doméstico. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

BRITES, J. G. Serviço doméstico: elementos políticos de um campo desprovido de ilusões. **Campos**, Curitiba, p. 65-85, 2003

BRITES, J. G. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, p. 91-109, dez. 2007. Disponível em: <https://x.gd/wGf1N>. Acesso em: 25 mar. 2025

BRITES, J. G. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 149, p. 422-451, ago. 2013. Disponível em: <https://x.gd/uRaJU>. Acesso em: 25 mar. 2025

BRITES, J. G.; MONTICELLI, T.; MELO, C. B. Os sentidos do afeto nos estudos sobre trabalho doméstico. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 54, 2024. Disponível em: <https://x.gd/eki5S>. Acesso em: 25 mar. 2025

CARMO, L. J. O. et al. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 18-31, 2021. Disponível em: <https://x.gd/nbaSN>. Acesso em: 21 jun. 2025

CARRIERI, A.; PERDIGÃO, D.; AGUIAR, A. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, [S. l.], v. 49, n. 4, p. 698-713, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3ZQYjag>

CARRIERI, A. et al. A gestão ordinária e suas práticas: o caso da cafeteria Will Coffee. **Revista de Contabilidade e Organizações**, Ribeirão Preto, v. 12, e141359, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://x.gd/KIso7>

CAVE, F. D.; ECCLES, S. A.; RUNDLE, M. An exploration of attitudes to entrepreneurial failure: a learning experience or an indelible stigma? In: BABSON COLLEGE/KAUFFMAN FOUNDATION ENTREPRENEURSHIP RESEARCH CONFERENCE, 2001, Jonnkoping. **Anais [...]**. Jonnkoping: Babson College, 2001.

- COPE, J. P.; WATTS, G. Learning by doing: an exploration of experience, critical incidents and reflection in entrepreneurial learning. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 104-124, 2000.
- DENZIN, N. K. **The research act**. 3. ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989.
- FERRAZ, J. M. Armadilha da identidade e crítica ao empreendedorismo social: a exploração da opressão. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 252-261, ago. 2022. Disponível em: <https://x.gd/cpZrn> . Acesso em: 25 mar. 2025.
- FERRAZ, J. M.; FERRAZ, J. M.; FERRAZ, D. L. S. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico-materialista. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 105-117, 2022. Disponível em: <https://x.gd/LjPOt> . Acesso em: 12 abr. 2025.
- GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.
- GASPAR, F. A. C. O estudo do empreendedorismo e a relevância do capital de risco. In: JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE GESTÃO CIENTÍFICA, 13., 2003, Lugo. **Anais [...]**. Lugo: [s. n.], 2003
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil**: 2019. [S. l.]: GEM, 2019. Disponível em: <https://x.gd/jtJkh> . Acesso em: 15 mar. 2023.
- GOLDSTEIN, D. The aesthetics of domination: class, culture, and the lives of domestic workers. In: GOLDSTEIN, D. **Laughter out of place**: race, class and sexuality in a Rio shantytown. Berkeley: University of California Press, 2003
- GUIMARÃES, N. A.; BRITES, J.; MONTICELLI, T. Apresentação – Trabalho doméstico: registrar e (re)pensar o Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 54, e11441, p. 1-5, 2024. Disponível em: <https://x.gd/T5D32> . Acesso em: 21 abr. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais dos domicílios e dos moradores 2023**: coordenação de pesquisas por amostra de domicílios. [S. l.: s. n.], 2023.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mulheres e trabalho**: breve análise do período 2004–2014. Brasília, DF: IPEA, 2016. (Nota técnica, n. 24)
- KIRK, J.; MILLER, M. L. **Reliability and validity in qualitative research**: qualitative research methods, v.1, Newbury Park: Sage, 1986.
- MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 1, p. 125–132, 1998. Disponível em: <https://x.gd/LuFus> . Acesso em: 22 abr. 2024.
- MONTICELLI, T. A. Entre tensões e afetos: incompatibilidades nas práticas e direitos no trabalho doméstico. **Revista AntHropológicas**, Recife, v. 33, n. 1, p. 200, 2023. Disponível em: <https://x.gd/WzuDI> . Acesso em: 12 jan. 2025.
- MONTICELLI, T. A. **Diaristas, afeto e escolhas**: ressignificações no trabalho doméstico remunerado. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Acesso em: 12 fev. 2024.

ORTNER, S. B. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, M. P.; ECKERT, C.; FRY, P. H. **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Salvador: Nova Letra, 2006.

PAIVA JUNIOR, F. G. **O empreendedorismo na ação de empreender**: uma análise sob o enfoque da fenomenologia sociológica de Alfred Schütz. 2004. Tese (Doutorado em Administração) — Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como educação. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019. Disponível em: <https://x.gd/1LDk3> . Acesso em: 17 ago. 2023.

SARASVATHY, S. D. Causation and effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. **Academy of Management Review**, v. 26, p. 243–263, 2001.

SARASVATHY, S. D. **Effectuation**: Elements of Entrepreneurial Expertise. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing. 2008.

SARASVATHY, S. D. **Effectuation**: Elements of Entrepreneurial Expertise. 2. ed. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing. 2022.

SERVA, M.; JAIME JÚNIOR, P. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 64–79, 1995.

SOUZA, F. F. de. Reflexões sobre as relações entre a história do serviço doméstico e os estudos da pós-emancipação no Brasil. **História, Histórias**, Brasília, v. 4, n. 8, p. 131–154, 2016. Disponível em: <https://x.gd/EftCq> . Acesso em: 23 mai. 2025.

SOUZA NETO, B. **Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro**: o empreendedorismo de necessidade do “virador”. 2003. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) — Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SOUZA NETO, B. **Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro**: o empreendedorismo de necessidade do virador. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2017. E-book. ISBN 9788580391572.

STAKE, R. **The art of case study research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1995.

STENGERS, I. Reativar o animismo. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de Leituras**, Belo Horizonte, n. 62, p. 1–15, 2017.

TEDLOCK, B. The observation of participation and the emergence of public ethnography. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **The SAGE handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2005.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.